

DF

28 ABR 1991

# Brasília sofre de velhice precoce

Cléia Martins

De símbolo da arquitetura moderna a Patrimônio Cultural e Artístico da Humanidade, Brasília completou 31 anos, resplandecente para alguns e envelhecida precocemente para outros. Os prédios e monumentos que encantaram arquitetos do mundo inteiro — “leves, situados como que soltos ou apenas suavemente pousados no solo” (Oscar Niemeyer) — começam a exigir mais cuidados, pois já apresentam claros sinais de deterioração.

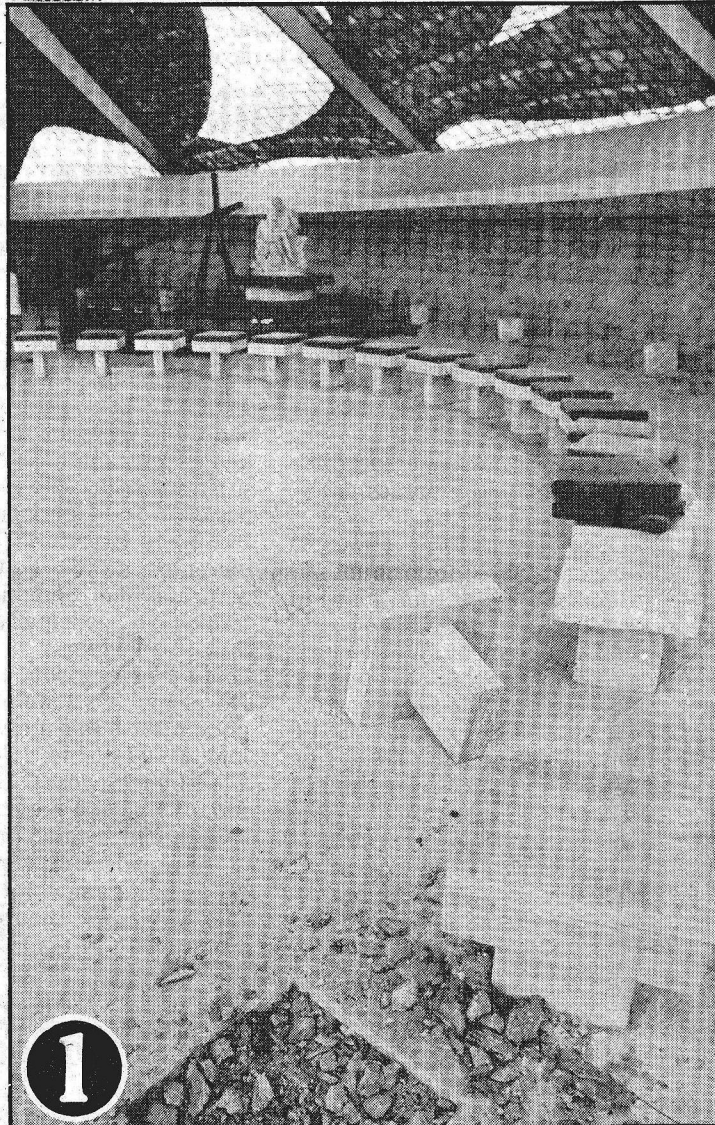
Deixar de fora a realidade e dizer que tudo vai bem na “Capital do Poder”, seria o mesmo que fechar os olhos e esquecer as mutações do tempo e da história. E o tempo começa a provocar rugas na Brasília Monumental, planejada para viver por centenas de anos. O que não está necessitando de reformas urgentes, como a rodoviária do Plano Piloto, precisa de reparos, como a Catedral Metropolitana.

Ao atingir uma idade em que, geralmente, a mulher passa a usar mais maquiagem, nada mais oportuno que a tirarmos de Brasília. Segundo o presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, José Roberto Basul, é inadmissível, que, por falta de interesse, uma cidade construída para viver mais de dois mil anos, apresente tantos problemas.

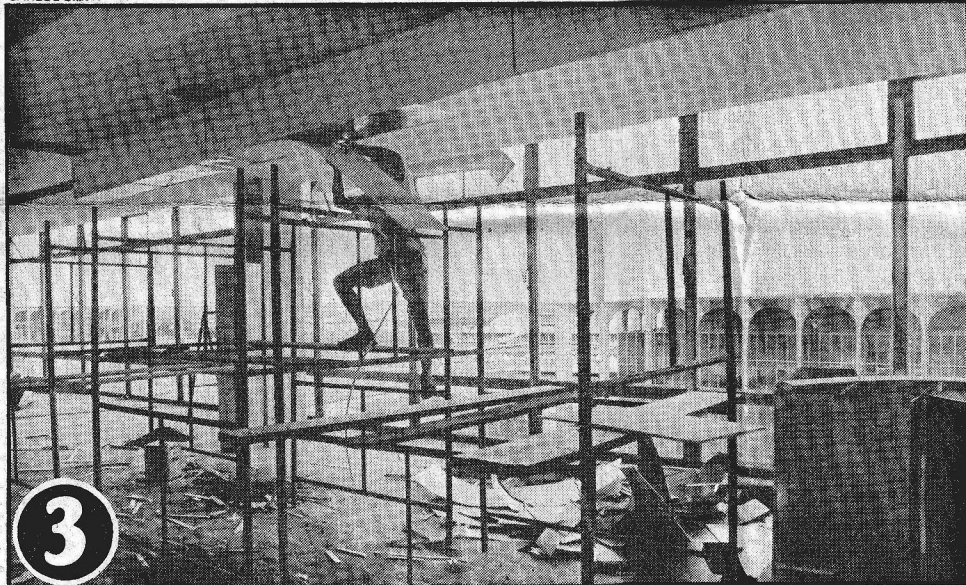
Mas para o secretário Newton de Castro, do Desenvolvimento Urbano, Brasília a cada dia fica mais bonita, adquirindo detalhes, a exemplo das enormes árvores, que dão mais brilho à cidade. Ele não acredita que a situação esteja alarmante, apesar de confirmar a ideia de que, com esta idade, ela já precisa de maiores cuidados. “Mas a deterioração é setorizada, principalmente, em lugares onde existe uma grande atividade diurna e, à noite, torna-se palco de atividades marginais, a exemplo do Setor Bancário”, disse o secretário.

Mas, certamente, os ladrilhos manchados dos ministérios e as rachaduras na rodoviária não poderiam ser caracterizados somente como problemas causados pela ação do tempo. A manutenção adequada é um grande ponto, que vem sendo esquecido. Outra questão, que é importante para o arquiteto José Carlos Coutinho, decano da Universidade de Brasília, são as reformas mal orientadas, citando como exemplo a catedral. A explicação dada por José Coutinho atinge um único ponto: “o governo não assume sua parcela de responsabilidade. Toda edificação tem sua manutenção idêntica à de um navio, que é pintado e restaurado mesmo durante uma viagem, para evitar o grande prejuízo de parar em um estaleiro”.

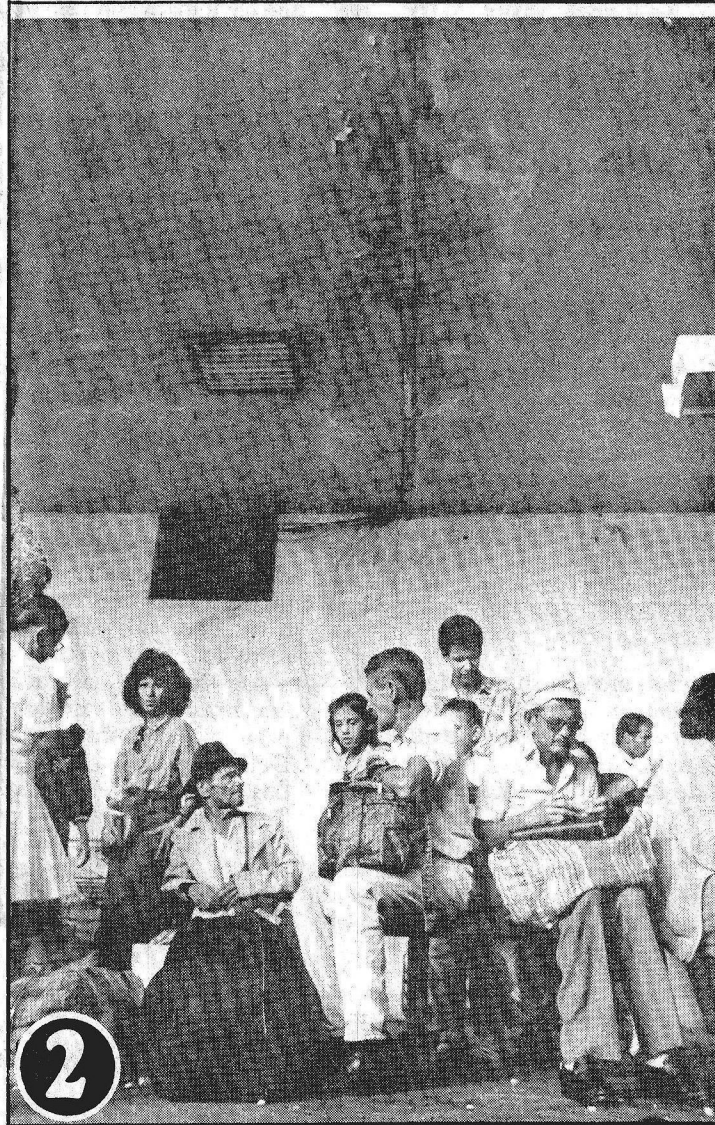
CARLOS SILVA



CARLOS SILVA



RONALDO DE OLIVEIRA



**1 — Mesmo com as reformas, a Catedral tem sofrido, particularmente, com a ação das fortes chuvas**

**2 — Infiltração no teto é um problema crescente na Rodoviária, além da sujeira e do abandono**

**3 — O Ministério da Saúde está sendo reformado. Alguns andares foram totalmente revirados**

## Prédio público foi esquecido

Apesar das diversas reformas ocorridas como as do Congresso Nacional, que duraram mais de dois anos, as inúmeras no Palácio da Alvorada e a retirada dos ladrilhos de mármore do Ministério da Justiça, o restante dos ministérios foi esquecido. O da Educação, por exemplo, passa por sua primeira reforma geral, desde que foi construído.

Com mais de 30 anos, as instalações elétricas do prédio, segundo o parecer técnico do Corpo de Bombeiros, precisam de revisão, por se encontrarem sobrecarregadas. O sistema hidráulico, em algumas partes, estava totalmente destruído, e diversos esgotos estourados. Grande parte das paredes de fórmica estava quebrada e o gesso do teto estava solto.

A reforma, iniciada no mês de outubro do ano passado, foi orçada em Cr\$ 253 milhões, mas hoje já está custando Cr\$ 500 milhões, de acordo com dados obtidos na Coordenação de Serviços Gerais.

O Ministério da Saúde também passa por reformas, que apesar de serem mais superficiais alguns andares encontram-se totalmente revirados. As paredes foram removidas para uma completa revisão do sistema elétrico. Já o prédio da Secretaria da Administração Federal recebeu somente uma maquiagem: os carpetes foram trocados ou colocados, as divisórias removidas e pintadas e um sistema de som foi instalado recentemente.

**Morosidade** — Para José Coutinho, da UnB, enquanto se discute se há dinheiro para preservação e manutenção, o patrimônio fica à espera e vai se acabando e chega a um ponto de ser necessária, às vezes, uma grande reforma, que demandaria uma enorme quantia. “Mas isto beneficia os políticos, pois no Brasil existe uma perversa cultura de inauguração. Deixa-se um bem deteriorar-se, reforma-se e faz-se uma reinauguração”, critica.

Em contrapartida, a visão do chefe do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF, Silvio Cavalcanti, diverge da de José Coutinho. Ele afirma que não só existe uma manutenção constante, mas também restaurações. “Os prédios públicos, como o Palácio do Itamarati, Congresso, Palácio da Alvorada, têm uma conservação permanente.”